

por uma história mais plural

Por indicação de meu amigo português Frederico Duarte, crítico e curador de design, assisti a uma palestra da escritora nigeriana Chimamanda Adichie no TED. O título da fala, que já teve mais de um milhão de acessos, é "O perigo da história única". Recomendo vivamente a todos, pois Chimamanda dá uma verdadeira aula sobre a ameaça das visões parciais e estereotipadas a respeito de países e pessoas. "O problema do estereótipo não é ser errado, é ser incompleto", diz ela.

Essa história toda surge a respeito da questão da identidade do design brasileiro. Em agosto passado, dei um curso no Sesc SP sobre Design e Brasilidade. Fiquei surpresa com o interesse provocado. As oito horas-aula do curso, apesar de um tanto estendidas a cada encontro, se revelaram insuficientes para um tema complexo, que necessariamente deve incorporar muitas nuances. Creio que a armadilha principal em que se pode cair nessa discussão é justamente optar por uma interpretação do tema no singular, ou seja, na "história única" de que fala Chimamanda.

Visões diferentes e às vezes opostas convivem na interpretação desse tema. Joaquim Tenreiro advogava leveza para o móvel moderno brasileiro, com base no uso de estruturas de madeira super delgadas e da palhinha. Já Sergio Rodrigues optou pela recuperação da tradição ibérica de móveis robustos, pesados, e por sua adaptação às novas demandas por informalidade que começavam a surgir no Rio de Janeiro dos anos 1950. Na busca deliberada da brasilidade, Sergio bebeu na tradição popular, do banquinho de leiteira no banco Mocho à rede transposta a várias criações, das quais a mais famosa é a poltrona Mole.

O caminho dos irmãos Campana é, desde o início, tirar partido da precariedade e da falta de acesso a tecnologias sofisticadas para criar. Nada mais do que a prática popular brasileira da "inventividade como estratégia de sobrevivência", na expressão sintética e feliz do designer e pensador Aloisio Magalhães. Na loja Espasso, que é uma ponta de lança do design brasileiro no exterior (atualmente com unidades em Nova York, Miami, Los Angeles e Londres), a maioria dos móveis e objetos brasileiros ali encontrados não comungam dessa cartilha. Carlos Motta, Arthur Casas, Claudia Moreira Salles, Isay Weinfeld, Lia Siqueira e Fernando Mendes, para citar alguns, optam por outros caminhos, mais ligados às veredas abertas pelos mestres modernos. E nem por isso são menos "brasileiros".

A identidade envolve múltiplas dimensões: a local, a regional, a nacional e a global, que por sua vez estão intimamente imbricadas e cujos "pesos" individuais vão se alterando – crescendo ou diminuindo – no decorrer da vida de cada pessoa, instituição ou país. A cultura é, necessariamente, dinâmica, por isso o conceito de "autêntico" aponta mais para uma nostalgia regressiva de quem quer ver as coisas como eram do que a um atributo possível ou desejável.

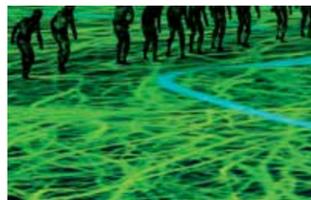
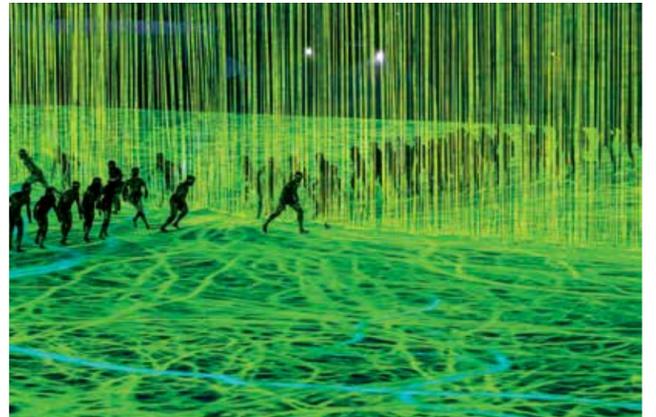
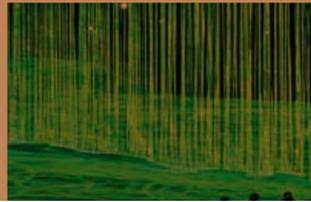
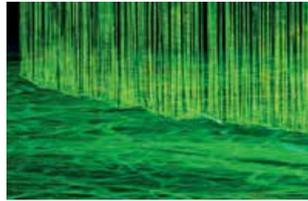
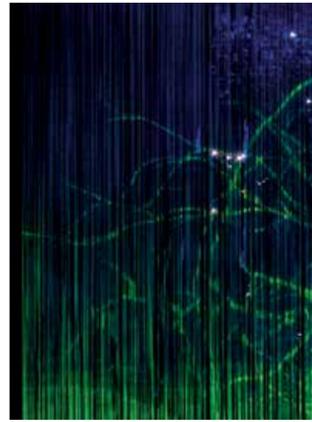
Num país de dimensões continentais como o nosso, ser fiel às origens e reinterpretá-las na contemporaneidade é um campo aberto a múltiplas interpretações. Os graciosos banquinhos de sentar Ovelha, concebidos pelas gaúchas Tina e Lui com lã, são uma original interpretação atual dos pampas e das influências das imigrações italiana e alemã. Já o design de superfície feito por Goya Lopes em sua empresa Didara, de Salvador, é uma releitura de sua origem africana. Seus tecidos respiram uma Bahia afirmativa e vibrante.

Cerimônias de abertura de eventos esportivos internacionais são ocasiões em que tradicionalmente os países se esmeram para criar apresentações nas quais sua própria população possa se reconhecer e nas quais quer se ver reconhecida pelo mundo. Entre tantas "histórias" possíveis, quais mostrar, e como?

Penso que o Brasil cumpriu muito mal essa tarefa na Copa do Mundo em 2014, e muito bem nos Jogos Olímpicos de 2016. Na abertura das Olimpíadas, Fernando Meirelles, Daniela Thomas, Andrucha Waddington e Abel Gomes adotaram o mote da gambiarra, ou do "criar mais com menos", improvisando soluções, e com sabedoria o mesclaram a referências que iam da geometria de Athos Bulcão às curvas de Oscar Niemeyer. Na cerimônia de encerramento, comandada pela cenógrafa carnavalesca Rosa Magalhães, uma comovente homenagem aos artesãos da renda e do barro se somou a referências dispares como a pintura rupestre da Serra da Capivara e os jardins de Burle Marx. Ambas nos deram orgulho e sensação de pertencimento, falando múltiplas vozes.

Como disse o filósofo espanhol Eduardo Subirats, "o Brasil conta com o mosaico de culturas mais intenso de todas as Américas", e hoje tem a possibilidade de "afirmar globalmente sua originalidade". Penso que o design tem tudo a ver com essa fascinante possibilidade, a ser necessariamente conjugada e observada no plural.

Adélia Borges é crítica e curadora especializada em design.



"o design brasileiro tem a possibilidade fascinante de afirmar para o mundo o quão original é a sua diversidade"

Acima, à direita, foto fragmentada de momento da cerimônia de abertura das Olimpíadas 2016, no Rio de Janeiro, comandada por Fernando Meirelles, Daniela Thomas, Andrucha Waddington e Abel Gomes. Acima, à esquerda, registro da apresentação de encerramento do evento, dirigida pela cenógrafa carnavalesca Rosa Magalhães.